

**POLÉMICA** — O Caso Cláudia, de Miguel Borges, recebeu os prêmios de melhor montagem, melhor ator coadjuvante (Roberto Bonfim) e melhor trilha sonora (Remo Usai), num festival em que a premiação do júri foi alvo de muita polêmica e contrariou crítica e público.



**SAUDADES** — Anecy Rocha, irmã de Glauber tragicamente falecida num acidente de elevador, ficou com o prêmio póstumo de melhor atriz por sua atuação em **A Lira do Delírio**, de Walter Lima Júnior, que também recebeu o prêmio de melhor diretor do festival de 1978.



**ZÉ DO CAIXÃO** — José Mojica Marins foi a grande estrela do XI Festival. Dois dos seus filmes foram exibidos na I Mostra do Filme de Horror Brasileiro — **Sina de Aventureiro** e **Delírios de um Anormal**, para o qual o poeta Tetê Catalão criou um slogan: "Antes o horror nacional que o terror internacional".

# O Horror invade o festival de 1978

**Tumultos, terror, super-8: em 78 o festival mostrou para que veio**

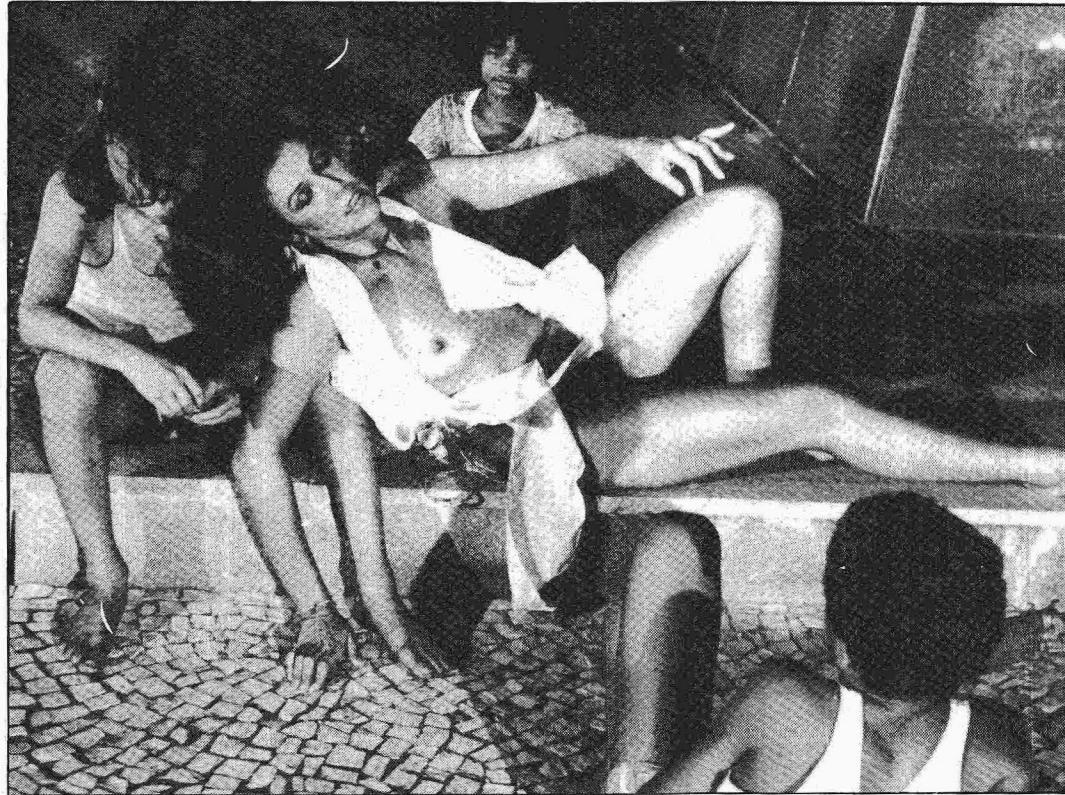
**S**implicidade foi a palavra de ordem na abertura do **XI Festival**. Uma novidade foi a realização de um seminário sobre a situação do filme super-8 no Brasil, além de uma mostra informativa de filmes super-8. Outra inovação foi a **I Mostra do Filme de Horror Brasileiro**, com projeções no Teatro da Escola Parque às 22h00 e 24h00, sempre com entrada franca. Zé do Caixão (José Mojica) condenava a importação de monstros e garantia: "Monstro é o que não falta na realidade brasileira, que é um horror".

Nas bilheterias do Cine Brasília, a procura por ingressos era maior que a oferta, gerando tumultos diários. Ao mesmo tempo, os documentaristas, reunidos em assembleia, denunciavam a política da **Embrafilme** e consideravam o festival como um evento elitista. Foi criado o **Grupo de Resistência ao Cinema Brasileiro**, que exigia, entre outras coisas, a "democratização das verbas de produção".

Na mostra competitiva do festival de 78, concorreram os seguintes longas: **Chuvas de Verão**, de Cacá Diegues, com Jofre Soares, Miriam Pires, Cristina Aché, Rodolfo Arena e Marieta Severo, **Curumim**, de Plácido de Campos Júnior, com Renato Consorte, Gianfrancesco Guarneri, José Lewgoy e Irene Ravache, **Coronel Delmiro Gouveia**, de Geraldo Sarno, com Rubens de Falco, Nildo Parente, Isabel Ribeiro, Jofre Soares e Sura Berditchevsky, **A Queda**, de Ruy Guerra e Nelson Xavier, com Isabel Ribeiro, Nelson Xavier, Lima Duarte e Maria Silvia, **A Lira do Delírio**, de Walter Lima Júnior, com Anecy Rocha, Cláudio Marzo, Paulo César Pereio e Tonico Pereira, e **Tudo Bem**, de Arnaldo Jabor, com Paulo Gracindo, Fernanda Montenegro, Regina Casé, Luiz Fernando Guimarães e Zézé Motta.

O melhor filme de longa-metragem em 35 mm foi **Tudo Bem**. Walter Lima Júnior foi o melhor diretor (**A Lira do Delírio**). **Coronel Delmiro Gouveia** foi melhor roteiro (Orlando Senna e Geraldo Sarno). A melhor fotografia ficou com Dib Lufti (**A Lira do Delírio** e **Tudo Bem**). Melhor montagem para Mair Tavares (**Chuvas de Verão** e **A Lira do Delírio**). Melhor trilha sonora foi para J. Lins (**Coronel Delmiro Gouveia**). Maurício Sette ganhou o prêmio de melhor cenografia (**Chuvas de Verão**). O melhor ator foi Nelson Xavier pelo trabalho em **A Queada**. Anecy Rocha (na época já falecida) foi a melhor atriz pelo tra-

**Gláuber** — Às 10h00 do dia seguinte à abertura do Festival de 79, o Hotel Nacional se encontrava quase deserto. Até parecia que nada de especial estava acontecendo por lá. Gláuber Rocha (foto) estava em Brasília e sequer tomou conhecimento da Festival a princípio: "Vim para rever amigos, descansar um pouco e conversar com as pessoas que sabem das coisas", disse.



*Muito Prazer, de David Neves, com Itala Nandi, o melhor filme em 79 com ressalvas*

balho em **A Lira do Delírio**. Paulo César Pereio foi o melhor ator (**Chuvas de Verão**, **A Lira e Tudo Bem**) e Miriam Pires foi a melhor atriz coadjuvante (**Chuvas de Verão**).

Entre os curtos, venceu **Ca-  
valhadas de Pirenópolis**, sen-  
do que o melhor diretor foi Má-  
rio Carneiro. Ivan Cardoso ga-  
nhou o prêmio de melhor rotei-  
rista e a melhor fotografia ficou  
com João Carlos Horta (**Canta  
Belém**). Melhor montagem foi  
para Renato Newman (**Cinema  
Brasileiro 77**) e a melhor trilha  
de curta em 35 mm ficou com  
Djalma Correia (**Ponto das Er-  
vas**). A cerimônia de premiação  
foi às 19h00 do dia 30, um do-  
mingo, no auditório do Palácio  
do Buriti, e às 20h00, no Cine  
Brasília, foram exibidos os filmes  
vencedores.

**S**e o festival de 78 pode ser considerado como um dos mais bem organizados, o mesmo já não pode ser dito do festival seguinte, que chegou a ser ameaçado de cancelamento e teve a data adiada de julho para setembro de 1979. O **XII Festival** foi aberto com frieza na noite de 24 de setembro, uma segunda-feira. Antes da projeção dos filmes, o documentarista Agnaldo Azevedo aproveitou o microfone colocado no palco do Cine Brasília para defender a lei do curta-metragem. E o públ-

co se mostrou apático em todos os momentos, inclusive após a projeção do primeiro longa corrente: **O Caso Cláudia.**

Não houve distribuição de convites para as sessões da mostra competitiva, que passaram a ser abertas ao grande público. No entanto, a procura pelos ingressos foi apenas regular. Faltou divulgação, organização e verba ao Festival. Foram convidados apenas 50 pessoas contra mais de 100 do ano anterior.

mais de 100 do ano anterior.

Concorreram os seguintes longas, selecionados entre os 21 inscritos: **O Caso Cláudia**, de Miguel Borges, **Muito Prazer**, de David Neves, **O País de São Saruê**, (documentário de Vladimir Carvalho censurado após ter passado pela comissão de seleção do festival de 71), **A Rainha do Rádio**, de Luiz Fernando Goulart, **Prata Palomares**, de André Faria, e **Contos Eróticos**, longa em episódios com direção de Roberto Santos, Roberto Palmarini, Eduardo Escorel e Joaquim Pedro de Andrade.

A novidade foi que esse ano os curtos em 16 mm foram exibidos também no Cine Brasília, junto com os filmes em 35 mm. E em virtude do grande número de curtos inscritos (só em 35 mm foram 90!), foi realizada também uma mostra paralela de curtos em 16 e 35 mm no Teatro da Escola Parque, com sessões durante a tarde.

vo de muita polêmica, sobretudo pelo fato do júri oficial ter dado o prêmio de melhor filme para **Muito Prazer**, de David Neves, reservando apenas um prêmio especial para **O País de São Saruê**, apontado pela imprensa como o grande favorito ao lado de **Prata Palomares**.

Na categoria de longametragem em 35 mm, a premiação ficou assim dividida: Melhor filme: **Muito Prazer**, de David Neves, melhor diretor: André Faria (**Prata Palomares**), melhor roteiro: Luiz Fernando Goulart (**A Rainha do Rádio**), melhor fotografia: Jom Tob Azulay (**Muito Prazer**), melhor montagem: Giuseppe Baldacconi (**O Caso Cláudia**), melhor trilha sonora: Remo Usai (**O Caso Cláudia**), melhor cenografia: Lina Bo Bardi (**Prata Palomares**), melhor ator: Otávio Augusto (**Muito Prazer**), melhor atriz: Beyla Genauer (**A Rainha do Rádio**), melhor ator coadjuvante: Roberto Bonfim (**O Caso Cláudia**), melhor atriz coadjuvante: Carmem Silva (**Contos Eróticos**).

Entre os curtos em 35 mm. o melhor filme segundo o júri oficial foi **Itaúnas — Desastre Ecológico**, de Orlando Bonfim (também contrariando a opinião dos críticos).

**Minha Vida, Nossa Luta**, de Suzana Amaral (que depois realizaria o premiadíssimo **A Hora da Estrela**), foi o melhor curta na categoria 16 mm.

ria ele, que havia acabado de concluir o filme **A Idade da Terra**.

Mais tarde, Gláuber seria bem mais enfático. Ao mesmo tempo em que chamava o cineasta francês Jean Rouch de agente colonizador em plena piscina do Hotel Nacional e em presença deste, ele declararia aos berros: "Este Festival desmoraliza a cultura brasileira e vi-

